

# Jesuíta a céu aberto

“Homem com H” é exibido para 1,5 mil pessoas às margens do Lago Paranoá

Pipous Menezes

Por Thamiris de Azevedo

O Correio da Manhã esteve presente e acompanhou de perto a experiência do maior cinema a céu aberto da América Latina. Sob a lua cheia da última terça-feira (10), a tela de 325 m<sup>2</sup>, do tamanho de uma quadra de tênis, reuniu 1,5 mil espectadores às margens do Lago Paranoá para assistir à exibição de “Homem com H”, no Open Air. O filme conta a história de vida, e de luta para existir como é, do cantor Ney Matogrosso, ícone da música brasileira, interpretado por Jesuíta Barbosa, que concedeu ao Correio entrevista exclusiva.

O cinema foi instalado no Pontão do Lago Sul e fica até 15 de junho. Em algumas noites, as sessões são seguidas de uma atração musical.

No primeiro dia, foi a vez da

Catto. A cantora, que está se revelando como uma das vozes mais ímpares da música contemporânea, cantou as músicas do seu disco “Belezas São Coisas Aceso por Dentro”. O álbum homenageia, com um toque especial de melodrama das interpretações da Catto, as canções de Gal Costa.

## Open Air

O Open Air é um cinema itinerante, e sua superestrutura já passou por sete cidades brasileiras e por Lisboa e Madri, capitais de Portugal e da Espanha, na Europa. Essa foi a terceira vez que a gigante tela retangular se instalou aqui no Quadrado, depois de nove anos sem vir.

Ao final da exibição, Jesuíta Barbosa concedeu ao Correio a entrevista abaixo:



Milhares de pessoas assistiram ao filme em Brasília

## “Transmutar o meu corpo”, diz ator

Jesuíta conta seu processo para incorporar Ney Matogrosso

Ao Correio da Manhã, Jesuíta Barbosa explicou como foi seu caminho para chegar à personificação de Ney Matogrosso. Barbosa explica que todo o processo foi composto por cinco frentes, e conta que observou, de perto, o próprio Ney para se inspirar.

“Foram cinco profissionais envolvidos. Fizemos uma bateria de ensaios durante mais de dois meses, e foi muito importante estar com todo o elenco presente ensaiando cada cena

com minúcia e atenção para o que ia acontecer. Eu também estive perto do Ney, e foi muito importante tê-lo como uma fonte. Tentei captar a importância de todas as histórias”, afirma.

## Postura

Para Jesuíta, o maior desafio foi a interpretação gestual. E, também, o melhor resultado. “Para mim, foi um desafio entender como aquele corpo se desenrolava. Tentei estar atento à energia dele,



Gilberto Evangelista

Jesuíta estudou Ney por meses para incorporá-lo

para compreender os gestos, a voz, movimentação... É o que eu tentei transferir para o personagem. Quis trazer um corpo vivo, dilatado, muito bonito, como é o corpo do Ney. Ele tem uma postura corporal muito bonita, dentro e fora dos palcos, com uma saúde implacável. Eu tentei achar esse lugar em mim e transmu-

tar para o meu corpo. Eu quis muito que o público percebesse isso, e como aquele corpo se desenrolava no palco e na vida pessoal do Ney”.

“Eu confesso, eu me senti Ney a partir do meu corpo. Esse Ney possível. Essa figura real, com toda sua magnitude, mas transformado pelo meu corpo. Eu o senti no meu ser”, revela.

## Masculinidade

O filme trata também sobre o arquétipo feminino dentro do masculino. Demonstra que a masculinidade é plural, e pode ser desconstruída dentro do estereótipo que a sociedade construiu em cima da imagem de um “Homem com H”. Sob essa análise, a reportagem perguntou como o Jesuíta avalia essa situação.

“Eu não sei... É difícil avaliar masculinidade. É um termo que eu acho que precisamos conversar e debater sempre. Eu acho que existe realmente uma fragilidade quando existe a necessidade de que o macho se destaque. Quando a gente fala sobre masculinidade, parece que ele precisa soar duro, rígido, e na verdade não é sobre isso. São corpos diferentes, o masculino e o feminino, mas eles habitam um no outro”

“Ney é um grande artista, um dos maiores que nós temos aqui no Brasil. Estou muito feliz de tê-lo interpretado no cinema”, comemora.